

Juventude: a travessia entre margens móveis¹

letrônica

Adriana Elisabete Bayer*

Escrita em 1972 pelo escritor angolano Pepetela², a narrativa *As aventuras de Ngunga* é ambientada no período pré-independente, em meio ao acirramento do conflito colonial. Por conseguinte, o texto de Pepetela representa as urgências da época em que foi escrito e também o comprometimento social e político do escritor. Desempenhando o cargo de responsável pela Educação, no Moxico — Frente Leste —, ele percebe a ineficácia do material didático, e decide escrever em língua portuguesa um texto de apoio à alfabetização, que depois seria traduzido para *mbunda*, língua falada naquela localidade: “Quando acabei cheguei à conclusão de que aquilo era uma estória, dei-lhe um fio condutor e mais tarde decidimos publicá-lo, diz Pepetela³. Entretanto, além da função educadora do texto, introduzindo o leitor naquele mundo de conhecimentos, merecem especial atenção as ações das personagens jovens, que particularizam o patrimônio cultural, evidenciando a presença e a manutenção da angolanidade. Portanto, desvelar o sentido das relações entre personagens jovens e sociedade, em *As aventuras de Ngunga*, é objetivo deste ensaio.

¹ Excerto de dissertação de mestrado, intitulada **Pepetela e Ondjaki**: com a juventude, a palavra faz o sonho.

* Doutoranda em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.

² Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos nasce em Angola, na cidade de Benguela, em 29 de outubro de 1941.

³ Excerto retirado da entrevista concedida por Pepetela sobre *As aventuras de Ngunga* à Universidade Nova de Lisboa, conforme o seguinte endereço da web: <http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/pepetela/ngunga.html>, acesso em 24 de outubro de 2007.

Um período da vida, uma categoria social

Eu era matéria plástica que se submetia a todas as experiências. E todas me iam deixando seu depósito de sabedoria e perversão.
Baltasar Lopes

As personagens Ngunga, Chivuala e Uassamba, de *As aventuras de Ngunga*⁴, em sua trajetória, revelam a percepção que possuem em relação a si mesmas, a outros indivíduos, à sociedade e às instituições com as quais interagem. O entendimento, resultado da experiência vivida, apresenta singularidades que o especifica, quais sejam: faixa etária, gênero, cor da pele, nacionalidade. Considerando a faixa etária, elas se inserem em uma fase intermediária, na qual não são nem crianças, nem adultos. Os termos comumente associados a essa etapa transitória são adolescência e juventude. Entretanto, longe de serem sinônimos, os vocábulos traduzem duas realidades distintas. Segundo Luís Antonio Groppo:

- A psicologia, a psicanálise e a pedagogia criaram a concepção de adolescência, relativa às mudanças na personalidade, na mente ou no comportamento do indivíduo que se torna adulto.
- A sociologia costuma trabalhar com a concepção de juventude quando trata do período interstício entre as funções sociais da infância e as funções sociais do homem adulto. (GROPPO, 2000, p.14)

Os estudos relativos à adolescência voltam-se para o sujeito em si, observando as transformações psíquicas ocorridas, enquanto os referentes à juventude se importam com a relação entre o sujeito e a sociedade na qual ele está inserido. Tendo em vista a distinção entre as significações imanentes aos vocábulos adolescência e juventude, adoto esse último, uma vez que meu objetivo é examinar, em *As aventuras de Ngunga*, a relação das personagens jovens, seja consigo próprias, com os outros indivíduos, ou ainda, com as estruturas sociais; e o inverso, isto é, a recepção a elas concedida por esses mesmos elementos. Tal abordagem tem por finalidade observar a importância do papel da personagem jovem tanto na presença quanto na manutenção da angolanidade.

O conceito de juventude, todavia, não é pacífico. Conforme Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt, “como as demais épocas da vida, quem sabe numa medida mais acentuada, também a juventude é uma construção social e cultural. Desse ponto de vista, a juventude se caracteriza por seu marcado caráter de *limite*”⁵ (LEVI E SCHMITT, 1996, p.8-9). Uma vez que a juventude se

⁴ PEPETELA, Arthur Pestana. *As aventuras de Ngunga*. São Paulo: Ática, 1980. Na análise da obra, as citações serão retiradas dessa edição, por isso, indico, no texto, apenas o número da página.

⁵ Grifo dos autores.

evidencia sob o signo da mobilidade, essa palavra-chave ganha múltiplas dimensões: a variação ocorre de acordo com o tratamento que a sociedade dispensa ao indivíduo, ao atribuir-lhe um papel social que especifica e determina tal período da vida, cerceado pelo afastamento da infância e o ingresso no mundo adulto. Desse modo, a idade converte-se em fator mutável para classificar criança, jovem ou adulto, pois a dependência infantil e a autonomia indicativa de maturidade são relativas. Conforme Levi e Schmitt:

nenhum limite fisiológico basta para identificar analiticamente uma fase da vida que se pode explicar melhor pela determinação cultural das sociedades humanas, segundo o modo pelo qual tratam de identificar, de atribuir ordem e sentido a algo que parece tipicamente transitório, vale dizer caótico e desordenado. (LEVI E SCHMITT, 1996, p.8)

Logo, a fase destitui-se de seu caráter unicamente biológico e passa a ser percebida como um fenômeno social. Contudo, a proposta dos autores não exclui a cronologia da idade, antes a associa a outros aspectos, quais sejam, o gênero e a classe social. Eles são responsáveis por singularizar a determinação da função social atribuída ao indivíduo. Sobre a distinção entre os sexos, Levi e Schmitt asseveram que “a diferença cultural entre rapazes e moças, já acentuada na socialização infantil, é institucionalizada na juventude. Desde os primeiros tempos da existência, as formas educativas, os espaços de liberdade, as próprias atividades lúdicas preparam para destinos divergentes” (LEVI E SCHMITT, 1996, p.14). Menino e menina estão inseridos em um processo educativo, calcado em modelos ideológicos e normas de procedimentos, que asseguram a manutenção e a transmissão da diferença e da desigualdade de funções sexuais, tanto em relação à realidade circundante quanto à família. Assim, ambos passam a ser preparados para as responsabilidades sociais, dentre elas, para o casamento, a paternidade e a maternidade.

Entretanto, as atribuições concernentes ao gênero, bem como à faixa etária, devem ser caracterizadas dentro de sua variabilidade, uma vez que elas estão submetidas à estratificação social. Os interesses mudam de acordo com a classe social, pois nela o indivíduo está “enquadrado” (termo utilizado por Levi e Schmitt (1996), para quem o pertencimento a uma determinada camada representa certa imobilidade social, visto que há dificuldades para dela sair). Ademais, os critérios de importância de classe ou estrato se modificam, aliados às diferenças culturais, incluindo às de etnia:

são importantes as implicações de classe nas diferentes experiências da juventude. A juventude – e, antes, a infância – foi vivida primeiro pelas classes burguesas e aristocratas, para depois tornar-se um direito das classes trabalhadoras. [...]. À juventude ideal e primitivamente construída – urbana, ocidental, branca e masculina – outras

juventudes vieram (ou tentaram) juntar-se – rurais, não-ocidentais, negras, amarelas, mestiças, femininas, etc. (GROPPO, 2000, p.16)

Em cada período histórico os sujeitos situados em uma posição limítrofe, entre o final da infância e a entrada no mundo adulto, interagem com o meio social em que vivem. A correlação dá-se mediante a diversidade imposta pela classe ou estrato social, pelo gênero e pela cronologia etária. A associação de princípios está inserida no conceito de categoria social, desenvolvido por Groppo. Para ele, “ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social” (GROPPO, 2000, p.7). Aquela é uma criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais, para significar uma série de comportamentos atribuídos à juventude; enquanto a última designa a concorrência de acontecimentos vividos em comum por certos indivíduos. A categoria social faz da juventude mais do que uma faixa etária; mas não um grupo coeso.

Como Levi e Schmitt (1996), Groppo (2000) também defende a asserção, segundo a qual a juventude é uma construção social e cultural. Logo, ela é concebida e vista de maneira diferente de acordo com as crenças, as regras, os valores da sociedade na qual está fixada. O autor, entretanto, ao relativizar o conceito e ao adotar o critério de categoria social, objetiva comprovar que a juventude cumpre um papel determinante na formação, no funcionamento e nas transformações das sociedades modernas. Groppo exemplifica sua teoria da seguinte forma:

Acompanhar as metamorfoses dos significados e vivências sociais da juventude é um recurso iluminador para o entendimento das metamorfoses da própria modernidade em diversos aspectos, como a arte-cultura, o lazer, o mercado de consumo, as relações cotidianas, a política não-institucional etc. Por outro lado, deve-se reconhecer que a sociedade moderna é constituída não apenas sobre as estruturas de classe ou pelas estratificações sociais que lhes são próprias, mas também sobre as faixas etárias e a cronologização do curso da vida. A criação das instituições modernas do século XIX e XX – como a escola, o Estado, o direito, o mundo do trabalho industrial etc. – também se baseou no reconhecimento das faixas etárias e na institucionalização do curso da vida. (GROPPO, 2000, p.12)

O autor propõe a comparação entre várias categorias sociais, baseadas em faixas etárias, que, por sua vez, vão mudando de acordo com a época e o contexto social, cultural e histórico, a fim de apreender o significado da juventude e sua relevância na sociedade moderna. Segundo Groppo, “a modernidade é também o processo histórico-social de construção das juventudes como hoje as conhecemos” (GROPPO, 2000, p.12). Para concretizar sua intenção, Groppo (2000), ao logo do estudo empreendido, elabora características específicas da categoria juventude, quais sejam: a) marginalidade: ocupa posição secundária no mundo social, pois

quando inserida no mercado de trabalho ou em outras instituições (como a escola), não participa de postos de decisão; b) adaptabilidade: é receptiva a novas influências; c) potencialidade de mudança: é solidariedade pronta a vincular-se com movimentos sociais dinâmicos; d) reação contra o mundo adulto: questiona o conjunto da realidade social identificada com os adultos.

Baseando-me nos itens arrolados, ciente da mobilidade inerente a todas as fases da vida,⁶ utilizo o critério etário para denominar jovens às personagens das obras *As aventuras de Ngunga*, as quais se encontram no processo entre o fim da infância e o início da maturidade, presentificada pelo mundo adulto. Além desse, adoto também o critério sociocultural, incluído no conceito de categoria social. No entanto, o apontamento da faixa etária não é determinante; serve, apenas, como ponto de partida, para, através da problemática levantada, analisar a juventude, como categoria social, envolvida em um emaranhado de relações sociais singulares, vinculadas a contextos histórico-sociais e culturais distintos.

Ngunga, Chivuala, Uassamba: a zona rural e o conflito bélico

Partiu sozinho para a escola.
Um homem tinha nascido dentro
do pequeno Ngunga.
Pepetela

As aventuras de Ngunga

Em *As aventuras de Ngunga*, um narrador onisciente apresenta o momento histórico que denota a guerra civil promovida pelos autóctones angolanos contra os colonialistas portugueses. Essa é a realidade circundante, na qual o jovem Ngunga busca o autoconhecimento, bem como a compreensão da realidade exterior e dos indivíduos nela circunscritos. A descoberta, advinda da procura do protagonista, dá-se como resultado da experiência vivida, a partir dos inúmeros deslocamentos espaciais, exterior e interior, ocorridos desde o início até o fim da narrativa. Considerando, pois, cada parte, como chegada e partida do menino, a totalidade, que encerra suas aventuras, é concretizada em dez viagens. Esses percursos se traduzem em aprendizado para o rapaz que, diante do conflito bélico, percebe a necessidade de se inserir no MPLA,⁷ coordenador da guerrilha, para, com seus participantes, transformar aquela realidade social.

O primeiro indivíduo com quem o jovem protagonista se relaciona na narrativa é Nossa Luta. O amigo demonstra preocupação com o rapaz que chora de dor, consequência de uma ferida no pé, e o orienta a procurar o socorrista. Ngunga reage, argumentando que “não gosta de

⁶ Não só a juventude se apresenta como uma fase móvel, sem claras delimitações. Isso também ocorre com a infância, a terceira idade e a própria idade adulta.

apanhar injeções” (PEPETELA, 1980, p.5). Contrapondo-se a essa atitude infantil de resistência diante da possibilidade de vir a receber tratamento injetável, Ngunga parte sozinho, à noite, para a aldeia do socorrista. O diálogo estabelecido entre o menino e o profissional da saúde evidencia ambigüidade em classificar Ngunga como adulto ou como criança. Ao lavar o pé machucado e colocar remédio, o rapaz reclama de dor, e o socorrista protesta por duas vezes: “- Um homem não se queixa” (PEPETELA, 1980, p.7); “- Não. Não tenhas medo, um homem nunca tem medo. Como é? Vieste sozinho à noite da tua aldeia, agora vais ter medo do tratamento?” (PEPETELA, 1980, p.7).

O menino retruca: “- Mas sou ainda muito pequeno” (PEPETELA, 1980, p.7). O profissional trata o menino como adulto; aquele, por sua vez, considera-se uma criança, percepção corroborada pelo narrador onisciente. Quando Ngunga é convidado a permanecer no kimbo para participar de uma festa, pergunta: “Qual é a criança que não gosta de festa?”. No entanto, o menino comporta-se como adulto, aceitando bebida alcoólica, oferecida pelos aldeões. Ngunga é órfão, não tem parentes, nem amigos, pois Nossa Luta partira para o *front*. O menino vive de maneira precária, tanto material, quanto emocionalmente. A situação de abandono em que se encontra suscita grande necessidade de afeto.

Essa condição de isolamento é determinante para suas futuras escolhas. A primeira delas converte-se em aceitação da oferta do Presidente Kafuxi para morar em seu kimbo: “Aqui terás uma família, um kimbo, um pai” (PEPETELA, 1980, p.11). A aquiescência do garoto comprova sua dependência emocional. Há, porém, disparidade entre as intenções de ambos, pois enquanto Ngunga busca proteção em Kafuxi, o presidente procura um ser economicamente produtivo, que se some a sua gleba, aumentando seu capital:

Acordava com o sol e ia ao rio buscar água. Trazia dois baldes, um em cada mão, e mais uma bacia cheia na cabeça. Depois acompanhava as três mulheres do Presidente à lavra, de onde saíam quando o sol deixava de ser forte. As mulheres comiam mandioca ou maçarocas, mas não permitiam que ele arrancasse comida. À noite, todos comiam. O que sobrava era para ele. Ainda tinha de ajudar as mulheres a lavar as panelas, antes de dormir. (PEPETELA, 1980, p.12)

Com caráter íntegro e abnegado, Ngunga, mesmo ciente da exploração a que está sendo submetido, escolhe, pela segunda vez, permanecer no kimbo de Kafuxi. Agora não é mais a proteção o motivo pelo qual persiste no lugar, mas a troca, ou seja, a conversibilidade de sua produção, resultado de seu trabalho na lavoura, em benefício à manutenção da guerra. Essa

⁷ Movimento Popular pela Libertação de Angola

mesma retidão vem a ser a causa do rompimento com o presidente do kimbo, quando o rapaz se dá conta das ações corruptas por Kafuxi praticadas. Assim, a consciência crítica e a conseqüente valoração, tanto da sua condição de explorado, quanto da posição do presidente, que, revestido da autoridade conferida por seu cargo, utiliza de má-fé para conseguir seus intentos, afastam Ngunga da infância e o aproximam do mundo adulto. Porém, a relação é inversa quando a fragilidade de sua condição física é examinada.

A proximidade com a infância também é destacada pelo narrador onisciente, que a evidencia quando conta o percurso do menino, depois do conflito ocorrido no kimbo de Kafuxi. Logo, a descrição dos prazeres sentidos pelo menino: “Gostava era de passear, de falar às árvores e aos pássaros. Tomar banho nas lagoas, descobrir novos caminhos na mata. Subir às árvores para apanhar um ninho ou mel de abelhas” (PEPETELA, 1980, p.14); bem como a percepção exposta pelos autóctones: “o povo admirava-se de ver um menino de treze anos caminhar sozinho” (PEPETELA, 1980, p.16), incluem Ngunga em uma fase da vida da qual fazem parte o ludismo, a satisfação e a proteção, excluindo, pois, o trabalho, extraído da “força de seus bracitos” (PEPETELA, 1980, p.15). Todavia, a intenção perseguida pelo protagonista impulsiona-o novamente para a outra margem, aquela que se avizinha do mundo adulto, já que, após viver a experiência com Kafuxi, Ngunga quer saber se em todas as partes “os adultos eram assim egoístas?” (PEPETELA, 1980, p.15).

A curiosidade do menino é a mola impulsora para a prática de ações. Ele chega a um kimbo onde os aldeãos conhecem o amigo Nossa Luta, morto em combate. Ali decide permanecer, uma vez que o tratam com estima e “sem que ninguém lhe dissesse, Ngunga começou a ir buscar água ao rio e a ocupar-se de pequenos trabalhos” (PEPETELA, 1980, p.18). Assim, pela manifestação do narrador, deduzo que, naquele contexto socio-histórico e cultural, a ocupação não é inadequada a um menino com treze anos de idade, desde que exercida de acordo com sua capacidade física e vontade.

Além do narrador, a preocupação com o menor é evidenciada por uma personagem que exerce grande autoridade naquele espaço: o comandante Mavinga. Ele reclama por Ngunga ingerir bebida alcoólica e estar em um lugar, alvo de constantes ataques. O menino protesta: “- Eu não sou criança. Se houver um ataque, não vou chorar nem fugir. Se tiver arma, faço fogo. Se não tiver, posso carregar as armas dos camaradas” (PEPETELA, 1980, p.20). O renitente comandante utiliza uma estratégia para provocar a curiosidade do rapaz, convencendo-o a segui-

lo: “- És um rapaz esperto e corajoso. Por isso deves estudar. Chegou agora um professor que vai montar uma escola aqui perto. Deves ir para lá, aprender a ler e a escrever. Não queres?” (PEPETELA, 1980, p.20).

Mavinga se responsabiliza pelo rapaz e o leva consigo, com a finalidade de entregá-lo ao professor. Estar em companhia do comandante, vir sozinho de um kimbo distante, conhecer o camarada Nossa Luta, desejar ser um guerrilheiro são atributos que despertam o interesse das crianças, nos kimbos por onde passam. No entanto, a probidade de Ngunga desqualifica-o como contador de histórias. A audiência abandona o menino e volta-se para Mavinga, que “contava suas aventuras mil vezes ouvidas” (PEPETELA, 1980, p. 22). O narrador onisciente esclarece a situação e salienta a disparidade entre o menino e o comandante, deixando manifesta a sua preferência por aquele, pois esse diversifica a maneira de contar as histórias.

Ngunga sentia-se importante com o interesse das crianças. Outro qualquer aproveitaria para mentir, para contar histórias em que fosse um herói. Não Ngunga. A vida ensinara-lhe a modéstia. Aquilo que ele conhecia era ainda muito pouco! Os homens falavam de coisas novas que ele não percebia. Havia sempre alguém que lhe ensinava qualquer coisa. Se ele não tinha medo da noite e por isso diziam que era corajoso, havia outros que não tinham medo de injeções, por exemplo. O pequeno Ngunga sabia do que era capaz de fazer muitas coisas. Por isso não era vaidoso. (PEPETELA, 1980, p.22)

Ainda que não cite o nome de Mavinga, a intervenção do narrador onisciente traz a comparação entre ele e o menino. Ao acrescentar dados às histórias narradas, com o intuito de elevar-se à condição de herói, o comandante age com excessiva confiança em si mesmo. Esse ato esvazia o sentido de sua narração e, ao mesmo tempo, impede-o de observar e aprender com as experiências alheias e com as próprias. Ngunga, ao contrário, é recatado e sempre disposto a aprender. A coragem — qualidade a ele conferida por andar sozinho à noite — não faz do garoto um indivíduo acima dos outros, pois o “medo de injeções” revela ser ele uma criança comum. A astúcia do narrador deixa apenas disfarçado seu verdadeiro propósito de enaltecer a heroicidade do “pequeno Ngunga”, que apresenta temor diante de medicamentos injetáveis e, em contrapartida, demonstra retidão de caráter e coragem.

Mavinga segue desempenhando um papel paternalista para com Ngunga, e entrega o rapaz ao professor União, a fim de delegar a esse a educação formal do moleque: “O Ngunga precisa estudar para não ser como nós” (PEPETELA, 1980, p. 23). A ação do comandante apresenta conseqüências determinantes para o futuro do pequeno, pois, segundo o narrador onisciente, “com a vinda para a escola, abriu-se uma nova parte na vida de Ngunga” (PEPETELA, 1980, p. 24). Entretanto, não é a escola, propriamente dita, a razão da

transformação da personagem, uma vez que ele “não podia ficar muito tempo sentado” (PEPETELA, 1980, p. 25) e preferia observar “as árvores ou os pássaros” (PEPETELA, 1980, p. 25). Escola se traduz em sinônimo de privação de liberdade, logo ela não gera sentido que justifique a permanência do menino.

O narrador, diferente da personagem Kafuxi, considera Ngunga um indivíduo em formação, respeita a especificidade inerente a sua idade. Ao adotar essa posição, ele transmite a idéia, segundo a qual um jovem de treze anos não deve ser submetido a trabalho que explore a força física; em contrapartida, precisa aprender a ler. Porém, o hiato que media o exercício do nomadismo, destituído de obrigações, do sedentarismo, ligado a tarefas repetidas no cotidiano, é amplo.

Então, com o propósito de alertar que somente a partir da vivência de certas situações o sujeito sente necessidade e percebe a importância de algo, o narrador onisciente adverte: “Mas ele, naquele tempo, não pensou assim” (PEPETELA, 1980, p. 25). Desse modo, a relação estabelecida entre Ngunga e União e, de igual modo, entre eles e o ambiente beligerante suscita o estímulo para o menino aprender a ler.

No entanto, na mesma conjuntura, antes de esse desencadeamento se concretizar, o mesmo vínculo — Ngunga, professor — inclui outro indivíduo — Chivuala — menino com quinze anos, trazido de longe pelo professor União. A configuração de Chivuala ocorre por meio da correlação das ações empreendidas pelo trio, principalmente, em meio a ele e Ngunga. Durante a convivência, Chivuala mostra-se arrogante, enquanto Ngunga, humilde: “Chivuala já matara uma [rola], Ngunga ainda não tinha conseguido. Isso não o fazia invejar Chivuala. Este, porém, aproveitava sempre para o gozar, lembrando-lhe que atirava melhor que ele” (PEPETELA, 1980, p.25). Todos os atos do rapaz de quinze anos denotam má-índole e se contrapõem aos desempenhados pelo menino peregrino; por exemplo, o silêncio adotado por esse diante da perversidade praticada por aquele. A conduta é exaltada pelo professor, quando expulsa Chivuala da escola.

Sob uma perspectiva maniqueísta, as duas personagens são qualificadas e divididas em boa e má. Chivuala, que chegara junto com o professor naquele kimbo, não apresenta conflito interno, nem intenta auto-avaliar sua postura. Portanto, tampouco age como se estivesse em uma fase sujeita a transformações. Por outro lado, a conduta de Ngunga é sempre moralmente irrepreensível. De acordo com o código ético que segue, o menino julga as ações de Chivuala e

de União, conferindo a negatividade nelas presentes ao fato de o primeiro estar próximo ao mundo adulto e o segundo ser adulto. A opinião se manifesta em diálogo com o professor União:

- Chivuala já é quase um homem. É por isso que começa a ficar mau e invejoso.
- Para ti todos os homens são maus? Só as crianças são boas?
- Sim.
- Eu então também sou mau?
- Não — disse Ngunga. - O camarada professor é capaz de ser ainda um bocado criança, não sei. Por isso é bom. Mas também é mau. Com Chivuala, foi mau. Não devia mandá-lo embora. Trouxe-o do Kuando, deveria ir com ele. E podia ser que ele se modificasse com uma ameaça forte. (PEPETELA, 1980, p. 30)

Segundo a concepção de Ngunga, a bondade é característica essencial da criança e, à medida que seu desenvolvimento avança, atingindo um estágio integrante ao mundo adulto, ela torna-se um ser corrompido. Se a personagem expõe uma visão pessimista do adulto, ela está ciente de que as ações do indivíduo são determinantes para avaliação de seu caráter. O professor, “capaz ainda de ser um bocado criança”, preserva essa qualidade, pelos atos benfazejos praticados. A positividade da personagem inicia com o seu nome: União, que carrega consigo uma carga semântica traduzida por harmonia, junção.

O professor é um indivíduo que veio de um lugar longínquo para auxiliar a luta armada e nela cumpre papel fundamental, pois lê instruções para o comandante e ministra aulas, oferecendo meios para que crianças e adultos possam se libertar do analfabetismo e se tornarem sujeitos independentes. O “produto” de seu trabalho não se converte em troca monetária, já que sua ambição requer algo maior: ver a pátria e os autóctones livres do poder imposto pelo colonialista português. Desse modo, o altruísmo, demonstrado por essa personagem, lança-o para a infância, denotadora de um começo, que ali significa a liberdade, tanto de uma nação, reinventando sua história, quanto dos sujeitos, capacitados pela leitura.

Ngunga admira União, porque reconhece o valor de seus atos naquele contexto histórico-social. Então, o menino transfere essa avaliação positiva para si, já que afirmara não ser mais criança inúmeras vezes durante seu percurso. Logo, não sendo mais infante, ele, com treze anos, aproxima-se do mundo adulto, assim classificara Chivuala, com quinze anos. A contradição existente apresenta o propósito de afirmar que nem todo jovem é influenciado pelas más ações exercidas por adultos, que ainda não se conscientizaram da relevância da situação histórica social vivida.

As conseqüências da falta de consciência política ficam mais evidentes quando Ngunga e União são capturados pelos colonialistas, resultado da traição de um autóctone. Na prisão, apesar

de ser tratado por “pequeno bandido”, o menino “tornou-se criado do chefe da PIDE⁸. Lavava o chão, servia a comida e lavava as panelas” (PEPETELA, 1980, p. 36). A PIDE, portanto, recebe Ngunga como um prisioneiro em fase de formação. Essa constatação decorre do discurso de um agente, segundo o qual : “- Não te vamos fazer mal, tu não tens culpa. Os vossos professores é que vos ensinam isso. Vais ficar aqui no Posto, por enquanto. E não podes sair” (PEPETELA, 1980, p. 36). O posicionamento do agente tem em vista a influência que um professor representa naquela comunidade. O rapaz, em contrapartida, dá-se conta da importância da leitura. Afinal, até esse momento, ele conhecia o caráter de União e o sentido de sua atuação para o grupo, mas não para ele:

Se soubesse escrever... sim, se soubesse escrever, podia meter um bilhete na cela de União e combinarem juntos a fuga. Mas pouco se interessara em aprender, só gostava mesmo era de passear. Pela primeira vez, Ngunga deu razão ao professor, que lhe dizia que um homem só pode ser livre se deixar de ser ignorante. (PEPETELA, 1980, p. 37)

A tomada de consciência do rapaz é compartilhada pelo narrador. Ela, entretanto, se intensifica quando Ngunga vê o professor ser transportado pelos agentes da PIDE, para dentro de um helicóptero. Durante o trajeto, União afirma: “- Nunca te esqueças de que és um pioneiro do MPLA. Luta onde estiveres, Ngunga!” (PEPETELA, 1980, p.38). A recomendação consolida o amadurecimento pelo qual passa a personagem. Ela, que transita entre fases, ora criança, ora adulto, mostra equilíbrio preponderante ao mundo adulto, e “aprende a matar para defender o seu povo” (PADILHA, 1995, p. 149).

Assim, o jovem cômico de seu dever, cúmplice do objetivo perseguido pelo grupo, vinga a tortura sofrida pelo professor, tirando a vida do agente da PIDE. Então, foge da prisão carregando consigo as armas da polícia, a fim de entregá-las ao comandante Mavinga. No entanto, ressalvo que mesmo “aprendendo a matar”, Ngunga permanece preso aos liames maniqueístas, pois vincula a violência da ação cometida à necessidade, qual seja, à defesa da causa revolucionária. Portanto, o pioneiro não se sente culpado por matar. Ele é bom e persegue o bem maior.

Durante a trajetória, na qual procura o comandante, Ngunga conhece uma jovem — Uassamba —, com treze anos de idade, por quem se apaixona. Esse encontro permite o exame do comportamento de outro indivíduo que, pertencendo à mesma faixa etária, classe social e ambiente do protagonista, dele difere em relação ao gênero. Uassamba é a quarta esposa de

⁸ Polícia Internacional e de Defesa do Estado

Chipoya, chefe do kimbo onde mora: “meu marido é muito ciumento” (PEPETELA, 1980, p. 51), diz a menina para Ngunga, quando ele a convida para passear. A jovem não se casara com Chipoya por livre escolha, mas por imposição da tradição, segundo a qual as meninas são ofertadas mediante o pagamento do alambamento⁹. Uassamba demonstra tristeza diante dessa situação:

– Pagou alambamento. A minha família quis, ele é secretário, tem muitas lavras... Não gosto dele. É velho, é feio, é mau. Antes eu brincava com as outras, ia dançar. Agora não posso, ele não deixa, manda sempre uma mulher vigiar-me. Só posso ir ao rio buscar água. Nem às lavras vou, tenho de ficar com ele no kimbo, todo o dia. (PEPETELA, 1980, p. 52)

Apesar do desalento, a jovem resigna-se, não aceita a proposta de Ngunga para ambos fugirem. Uassamba alega que os pais são idosos e pobres, impossibilitados, portanto, de devolverem o dinheiro recebido pelo alambamento. A estratificação social frustra a possibilidade de rompimento com o *status quo*, perpetuado pela tradição. Chipoya é um proprietário de terras, secretário do Comitê de Ação e chefe do kimbo. A posição hierárquica por ele ocupada permite o livre controle da vida dos subordinados. Ao contrário da passividade de Uassamba, a qual não consegue reagir contra a opressão a que está submetida, Ngunga insurge-se contra os ditames de uma sociedade que se diz orientar em prol da liberdade, da realidade circundante e do indivíduo:

Ngunga encostou-se a uma árvore. Por que o Mundo era assim? Tudo o que era bonito, bom, era oprimido, esmagado, pelo que era mau e feio. Não, não podia. Uassamba, tão nova, tão bonita, com aquele velho? Lá por que a comprara à família? Como um boi que se compra ou uma quinda de fuba? (PEPETELA, 1980, p. 52)

A consciência moral do jovem denuncia uma sociedade presa a relações e valores arcaicos. Esses, por serem elaborações simbólicas, são bem mais complexos e resistentes a transformações. A luta armada, movida para expulsar o colonialista, projeta a instauração de uma sociedade mais justa e igualitária no país. Porém, uma outra mudança também se faz necessária. Para Abdala Junior, “de forma correlata, outros instrumentos de modernização deveriam interferir nas séries culturais do país, tendo em vista suplantar o subdesenvolvimento e a exploração do homem pelo homem nas sociedades tradicionais” (ABDALA JÚNIOR, 1989, p. 98).

A tomada de consciência ocorrida na personagem permite a desvinculação do maniqueísmo, até então presente em sua conduta, tanto na *práxis* quanto no discurso. O mal, antes constatado na força opressora exercida pelo colonialista, é compartilhado agora com o conservadorismo subjacente aos costumes locais que impedem avanços naquela sociedade.

⁹ dote

Ngunga, apesar de entender a premência de instaurar a luta contra o poder coercitivo interno, não está preparado para enfrentá-lo, segundo o comandante:

– Para isso precisas estudar. Eu não sei sobre o alambamento. Sempre se fez, os meus avós ensinaram-me isso. Mas, se achas que está mal e que é preciso acabar com ele, então deves estudar. Como aceitarão o que dizes, se fores um ignorante como nós? (PEPETELA, 1980, p. 54)

O jovem, na sua travessia entre as margens móveis da vida, evidencia contigüidade com a infância, expressas pelo medo de injeção, pela necessidade de proteção, de interação lúdica com a natureza; e adjacência com o mundo adulto, manifesta pela consciência moral diante de ações individuais e coletivas. Nessa relação, o amadurecimento do menino inicia quando ele se torna um pioneiro do Movimento e atinge seu ápice no momento em que percebe as forças coercivas engendradas pela tradição.

Assim, apesar de seus treze anos de idade, ele, que em certa ocasião pensara haver “coisas que não estavam certas. Mas ele ainda era miúdo...” (PEPETELA, 1980, p. 26), reafirma essa posição, pois “tudo já estava decidido. Ele ainda era fraco para combater contra todos e mais as leis dos avós” (PEPETELA, 1980, p. 56), decide partir para a escola. A consciência moral e política de Ngunga é responsável por essa determinação. O rapaz é visto como uma peça a mais na engrenagem produtiva pelo chefe de kimbo Kafuxi e pelo chefe da PIDE. Por conseguinte, seu lugar de menino, como sujeito em formação, seja criança ou jovem, é assegurado pelo narrador onisciente, que intervém em seu favor, ao mostrar as suas ações como exemplares e enaltecer seus feitos; pelo amigo Nossa Luta; pelo comandante Mavinga, preocupado com a segurança do jovem e com sua formação formal; pelo professor União, em cujo caráter o garoto se referencia; pela menina Uassamba, doadora de ternura.

As outras personagens jovens, Chivuala e Uassamba, não se transformam na narrativa. O garoto apresenta natureza perversa, não expõe nenhum comprometimento com a causa defendida pelo Movimento. Mediante essas ações, o rapaz demonstra resistência em sua não-integração com outros personagens e com a sociedade. Ngunga, entretanto, afirma que Chivuala podia ter se modificado, se o professor demonstrasse interesse pelo indivíduo. Uassamba, por sua vez, é a menina-mulher que revela complacência diante de sua situação. Por outro lado, ela incentiva Ngunga a prosseguir sua busca:

– Ngunga? Tu és novo demais para te casares. Seria mau para ti. Agora seria bom, mas, mais tarde, ias arrepender-te. Também não te posso fazer isso. Temos a mesma idade, mas sou mais velha. Devo ver o que é bom e o que é mau pra ti. Gostava de ir, é verdade. Mas não posso. Tu partirás, verás outras coisas, outras terras, outras raparigas.

O pior é para mim, que fico aqui a aturar Chipoya. Entre nós dois, sou a mais infeliz, podes ter certeza. (PEPETELA, 1980, p. 56)

Uassamba demonstra sentimento maternal para com Ngunga, avaliando e preocupando-se com o futuro do garoto. Essa atitude revela abdicação em ser para si, a fim de se dedicar ao outro, em ser simples e modesta, submissa, porém orientadora do homem em tudo quanto se refira à sensibilidade. Em contrapartida, no que concerne a ela mesma, Uassamba é derrotista, pois não antevê nenhuma possibilidade de mudança, nem para si, nem para a realidade circundante. Levando em conta o contexto histórico-social, o comportamento passivo da menina sugere a negatividade presente na condição feminina, uma vez que ela se deixa governar pelas leis seculares da tradição. A ausência de liberdade torna-se ainda mais contundente por se tratar de uma personagem jovem que, em vez de estar em uma fase de transformações, traduzidas por questionamentos, inquietações, descobertas, se conserva imutável. Por outro lado, essa atitude de Uassamba denuncia costumes anacrônicos que vêem o indivíduo do sexo feminino como uma mercadoria, exposta à troca monetária.

A libertação de Angola centra-se na figura do homem-menino que, curioso, rebelde, sedento em conhecer o mundo e as leis regentes, está em desacordo com esse universo, por isso, quer transformá-lo. Ngunga, órfão desde os nove anos de idade, com caráter íntegro, não deve sua formação somente à família, mas ao convívio com a natureza: “gostava era de passear, de falar às árvores e aos pássaros. Tomar banho nas lagoas, descobrir novos caminhos na mata. Subir às árvores para apanhar um ninho ou mel de abelhas. Era disso que ele gostava” (PEPETELA, 1980, p.14); com o amigo Nossa Luta: “Foi Nossa Luta quem cuidou dele quando os pais foram assassinados, foi Nossa Luta quem o acarinhou e ensinou” (PEPETELA, 1980, p.18); com o comandante Mavinga: “- Este é o Ngunga, um rapaz corajoso que quer conhecer o Mundo” (PEPETELA, 1980, p.21); com o professor União: “União, sim, União era um homem. Combateu até ao fim e sempre preocupado com a salvação de Ngunga” (PEPETELA, 1980, p. 35); com Uassamba: “uma rapariga da sua idade, muito bonita” (PEPETELA, 1980, p. 42). Entretanto, também os indivíduos que desempenharam ações negativas foram importantes para a formação do garoto: Kafuxi, Chivuala, Chitangua, os agentes da PIDE, Chipoya. Desse modo, por meio da experiência vivida, Ngunga é o jovem que, através da *práxis*, enseja modificações fundamentais, para ele e para seu país.

Ngunga inicia sua trajetória em busca de proteção aos treze anos de idade. Durante seu percurso, passa por várias transformações, responsáveis pelo amadurecimento intelectual, e se

propõe a uma outra busca, ainda com a mesma idade que iniciara a sua história. Considerando todas as responsabilidades a ele delegadas, e por ele assumidas, entendo que naquele contexto histórico, em que ocorre a guerra colonial, a juventude é destacada por sua adaptabilidade e potencialidades para mudanças, pois Ngunga se mostra receptivo e solidário com os movimentos sociais; e também pela reação do menino contra uma realidade social, identificada com o adulto que, contraditoriamente, simboliza a mudança e a permanência. Ou seja, aquela é representada pela alteração das forças que comandam o país; essa, pela continuidade da tradição. O outro jovem, Chivuala, oposto de Ngunga, demonstra reação contra o mundo. No entanto, há esperanças para sua modificação, desde que a sociedade e suas instituições se interessem por ele. Nesse mesmo lugar, enquadra-se Uassamba, a menina “com olhos de gazela”, que vê o mundo passivamente.

Se nos aspectos apontados, Ngunga se diferencia de outras personagens jovens, com elas se assemelha em relação à marginalidade. As três ocupam essa posição, considerando a exclusão da participação dos jovens em decisões, sempre tomadas por adultos. O pioneiro, porém, prepara-se para participar ativamente do mundo regido pelas leis dos mais velhos. Dessa forma, ele “partiu sozinho para a escola. Um homem tinha nascido dentro do pequeno Ngunga” (PEPETELA, 1980, p.57).

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. São Paulo: Ática, 1989.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre Sociologia e História*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. *História dos jovens: da Antiguidade à Era Moderna*. Tradução de Claudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves. São Paulo: Companhia de Letras, 1996.

PADILHA, Laura Cavalcante *Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF, 1995.

PEPETELA, Arthur Pestana. *As aventuras de Ngunga*. São Paulo: Ática, 1980.

As aventuras de Ngunga. Entrevista concedida por Pepetela à Universidade de Nova Lisboa, disponível em <<http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/pepetela/ngunga.html>>, acesso em 24 de outubro de 2007.